



PRIMEIRO CIRCULAR

9º CONGRESSO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIAS CRÍTICAS

MÉXICO 2023

Há 16 anos, o México sediou a Quarta Conferência Internacional sobre Geografia Crítica, organizada pela Dra. Blanca Rebeca Ramírez. Este evento foi chave para o pensamento geográfico na América Latina, a fim de abrir e estabelecer laços internacionais baseados em propostas emergentes das geografias críticas. Posteriormente, foram realizadas conferências em Mumbai (2007), Frankfurt (2011), Ramallah (2015) e Atenas (2019) (<https://internationalcriticalgeography.org/>), tentando cobrir diferentes latitudes para alcançar, encontrar e conectar mais pessoas que estão na mesma busca: abertura consciente e crítica a diferentes caminhos que nos levam ao desenvolvimento de geografias comprometidas com a justiça sócio-ambiental, pelo reconhecimento e pela luta por um mundo pluri-diverso e mais justo.

Continuando com o legado de Blanca Ramírez, uma das pesquisadoras dos pilares das geografias críticas tanto no México quanto internacionalmente, reiteramos a relevância de realizar este exercício de entrelaçamento no México, organizado em primeira instância por GeoBrujas, Comunidade de Geógrafas, que agora se articulam com outras geógrafas e geógrafos colegas de diferentes coordenadas, principalmente da América Latina e da Espanha para a realização da próxima reunião do 9º Congresso Internacional de Geografias Críticas.

GeoBrujas é uma comunidade de mulheres geógrafas que nasceu em 2014 no México, a partir de uma visão crítica das verticalidades patriarcais do academismo promovido nas universidades. Por esta razão, começamos a ver que nossos sonhos e posicionamento político não se limitavam a estes espaços institucionais. Procuramos criar outras formas de fazer geografia, de questionar o mundo em que vivemos, repensando novas maneiras de incidência social e comunitária, no andar geográfico, escutando e sentindo nossa realidade.

A proposta de organizar o próximo congresso no México, num contexto que não reflete as condições mais favoráveis para o bem-estar de uma sociedade, baseia-se na abordagem e compreensão da complexidade da região latino-americana. Neste contexto, vários atores, coletivos, organizações, pesquisadoras, pesquisadores, professoras, professores, ativistas, artistas, acadêmicas e acadêmicos mexicanos têm dado importância, dentro de nossos campos de trabalho e ação, à abordagem crítica da:

- Migração, emigração, deslocamento forçado e a (des)construção de fronteiras.
- Movimentos em defesa do território e projetos de autonomia.

- Povos originários, comunidades indígenas e população negra que preservam suas próprias cosmovisões, línguas e territórios além da configuração do Estado mexicano.
- A violência feminicida (10 feminicídios por dia no país) e, por sua vez, a resposta dada pelos movimentos feministas no México e na América Latina, junto com o processo de feminização da política latino-americana.
- A violência estatal sob o discurso do "desenvolvimento" através de megaprojetos (por exemplo, o Trem Maya) e novos tratados, tais como o TPP (Tratado Integral e Progressivo de Associação Transpacífico).
- Os desaparecimentos forçados e violações dos direitos humanos têm gerado, como resposta social, redes de busca de famílias e movimentos pela paz.
- Outras territorialidades e formas de olhar, representar e habitar o corpo, os territórios e o mundo.

Diante deste panorama e do ponto de vista crítico do Comitê Organizador, nos perguntamos: Que desafios esta realidade significa para os movimentos sociais? Quais são os novos mecanismos de cooptação e neutralização da oposição? Que ferramentas têm à sua disposição os diferentes movimentos de resistência? E como podemos pensar tudo isto em termos espaço-territoriais? Como as geografias críticas podem contribuir para estas realidades geopolíticas? Embora não sejam novas, elas estão se tornando mais agudas e intensas de acordo com os diferentes momentos políticos, e ainda mais agora sob o pretexto da pandemia de SARS-CoV-2. E finalmente, como podemos entendê-los em suas diferentes escalas, em uma estrutura trans e multi-escala considerando o corpo em sua articulação global? E, o que podemos tornar visível e transformar a partir dos diferentes territórios?

Por que o tema proposto?

Com base em todas as questões levantadas acima, inspirados pelas vozes zapatistas, a grande diversidade dos movimentos sociais e devido à situação em que se encontra grande parte da região latino-americana, consideramos pertinente direcionar o debate para a resistência contra o extrativismo. Entendemos o extrativismo não apenas como a exploração de matérias-primas, mas também como despossessão e expulsão urbana, colonialismo interno do país ou a extração de conhecimento (da academia, para bancos de dados ou epistemicídio). Portanto, dentro do sentido amplo do extrativismo, queremos enfatizar os seguintes temas:

- Despossessão: refere-se a todos aqueles processos de desapropriação de terras, habitação, recursos naturais, bens comuns, bancos de dados ou extrativismo epistêmico.
- Apropriações: existir/resistir significa criar, e junto com a oposição de uma visão predatória do mundo, a luta também implica em materializar e imaginar antagonismos em termos positivos. A apropriação do território e o tecido de relações horizontais (humanas e não-humanas), emancipatórias e solidárias na sociedade e com a natureza caminham lado a lado com a resistência a modelos extrativistas e destrutivos.

- Autonomias: Entendidas como todos os espaços que os movimentos sociais constroem além do modelo dominante de civilização (colonial, capitalista, racista e patriarcal), onde as possibilidades de outros mundos possíveis em diferentes escalas estão sendo criadas.
- Territórios em disputa: referimo-nos a todos aqueles em que são geradas tensões, conflitos e disputas entre os blocos hegemônicos e as geografias que são tecidas ou protegidas "de baixo e à esquerda", por exemplo, bens comuns, espaços simbólicos, epistemologias, metodologias, corpos-territórios....

"Territorialidades em resistência diante de extrativismos": Geografias de baixo e para a esquerda".

As datas para nos reunirmos são 24-31 de outubro de 2023 na Cidade do México. Convidamos entusiasticamente todas as pessoas com uma visão crítica do espaço e que sinceramente acreditam na possibilidade de fazer da geografia uma ferramenta para a transformação de nossos territórios.

Em agosto publicaremos a segunda circular com as modalidades e as propostas de eixos temáticos para participar do congresso.

Estamos ansiosos para vê-los debater e compartilhar preocupações e construir outros horizontes!

Entre em contato conosco: int.criticalgeo.mx2023@gmail.com

Comité de Organización:

Valeria Ysunza (GeoBrujas-Comunidad de Geógrafas/IGP-Geopaz)

Aritz Tutor Anton (UPV-EHU; Espais Crítics)

Daniel P. Gámez (University of British Columbia)

Eduard Montesinos Ciuró (Universitat de Barcelona/U. de Sevilla; IGP-Geopaz)

Emiliano Ignacio Díaz Carnero (El Colegio de la Frontera Norte [El Colef];

Instituto de Geografía para la paz [IGP-Geopaz])

Francys Cárdenas Ferrucho (Universidad Pedagógica Nacional/Universidad Externado de Colombia; IGP-GeoPaz)

Frida Itzel Rivera Juárez (GeoBrujas-Comunidad de Geógrafas)

Gabriela Fenner S. (GeoBrujas-Comunidad de Geógrafas)

J. Fernando González Lozada (Universidad Nacional Autónoma de México)

Julie-Anne Boudreau (Instituto de Geografía, UNAM)

Karla Helena Guzmán Velázquez (GeoBrujas-Comunidad de Geógrafas)

Rubén Galicia Castillo (Geógrafo Independiente)

14 de junio 2022

